

Rios e cantigas: travessias entre as funduras das ausências e os acalantos dos encontros

Ana Regina Morandini Caldeira^[1]

RESUMO: A autora acredita que psicanálise e literatura, como companheiras de longa data, se constituem enquanto narrativas de vivências e emoções, as quais, ao se tornarem palavras, nos contarão histórias sobre sonhos possíveis. Assim, se configura uma dose de poesia para a prosa do cotidiano. Este texto tece uma junção entre dois contos primorosos de Guimarães Rosa para fazer o caminho entremeado que se localiza reciprocamente pelo primitivo e pelo desenvolvido, o vitalizado e o mortífero, o sombrio e o luminoso, o alheamento e a companhia, como espaços sempre presentes a habitar e constituir nosso mundo interno. Sublinha a questão da simbolização e de sua precariedade de configuração diante do *não-lugar* mental. Em contrapartida, também relata a possibilidade de nossa alma velejante construir representações que possam propiciar travessias, sobrepujando as perdas e faltas, para o encontro com áreas de esperanças.

PALAVRAS-CHAVE: loucura, solidão, não representação, simbolização, afeto

Se acreditamos em Guimarães Rosa (1956/2019) quando ele diz, em *Grande sertão: veredas*, que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (p. 53), podemos então pensar nos trânsitos que realizamos pelas margens dos encontros às ausências, para que nos seja possível a busca das verdades que se aproximem da realidade que nos habita.

Nesse cenário, talvez o maior contrassenso seja que nos deparamos com a complexidade de não termos duas beiras somente, como um rio assim as tem, a da direita e a da esquerda. A nós cabem as terceiras margens, que são os nossos espaços internos do indizível e enigmático. A partir dessa reflexão, faço uma referência ao primeiro conto que será abordado aqui, “A terceira margem do rio” (Rosa, 1962/2008a).

Em complementação a essas múltiplas fronteiras, em áreas sem bordas, temos também nossos ocos, espaços fundos de dor e solidão, desejosos da presença do outro. Essa seria a referência ao segundo conto usado, “Sorôco, sua mãe, sua filha” (Rosa, 1962/2008b).

Refiro-me, então, aos rios fundos das caladas mínguas, assim como às cantigas contidas nos encontros.

Quais seriam os sons que ouvimos durante nossa trajetória por tantas margens de vida e morte? Gritos e risos, engasgos e ladainhas, ruídos inaudíveis e gemidos, choros e gargalhadas, funks e boleros, hinos e serenatas, cânticos e silêncios, os quais compõem as partidas e as chegadas. Vozes que se calam como o pai que vai ao meio do rio fundo e lá fica, na terceira margem. Ou cantam como Sorôco para que, em uníssono com suas figuras perdidas, possam compor sua existência e a representação de si próprias.

A terceira margem do rio – ruídos da mudez

Agora não falaremos sobre a presença, o sossego, o delineado. Vamos ouvir o silêncio e os lugares invisíveis, os espaços apertados, a garganta seca diante do vazio e aquilo que se encontra aprisionado num contexto de não representação. Permearemos áreas do não-viver e das gélidas ausências.

Nessa estória, o narrador inicia seu relato apresentando seu pai como um homem cumpridor e ordeiro, não triste, mas quieto. Diante dessa apresentação, já podemos nos perguntar: onde estaria ele em sua essência, diante de tamanha quietude de existência?

Em seguida, ocorre uma quebra que traz uma surpresa. O mesmo relator diz que o pai, que era um homem pacato, tem uma iniciativa. Tanto quanto o rio, fundo e calado, de repente constrói uma canoa para ir ao seu centro. Nessas linhas, encontramos o modelo poético de um sujeito que vai para o meio do rio e lá fica, a revelar-nos o espaço do inefável, de seu *não-lugar* e de suas funduras. A característica dessa canoa construída pelo pai é que nela cabia justo o remador, mais ninguém. Talvez porque nossa loucura, solidão e subjetividade sejam sempre individuais e guardadas, sigilosamente, no interior de cada um de nós.

“Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou um chapéu e decidiu um adeus pra gente. Nem falou outras palavras. ... E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré. ... Ele não tinha ido a nenhuma parte” (Rosa, 1962/2008a, p. 37). Foi então para o lugar nenhum, o lugar do silêncio e do vazio.

O pai no meio daquele rio fundo, na terceira margem está e lá permanece. Nessa circunstância, o filho leva a ele o suprimento alimentar, junto a chamados, rezas, afeto e principalmente seu desejo de estar junto. Mas o pai nem o vê. Nem sinal sequer faz a ele. “Nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão daquele” (p. 39).

O narrador então se questiona: “Como ele aguentava. ... por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver” (p. 39). É-nos revelada, nesse momento, a precariedade da tragédia do não-viver.

Por que é que se morre? Seria por não sonhar o bastante? A ausência de configuração dos espaços psíquicos nos faz esquecer a vida para que a morte nos esqueça também?

Mas a vida externa prosseguia. “Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos” (p. 40).

O filho envelhece, porém continua na margem à espera do pai. Era nada sem aquele pai? Identificava-se com o estado mortificado dele? “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. ... Esta vida era só o desmoronamento” (pp. 40-41).

Nessa circunstância nos perguntamos quem seria o protagonista – o pai que se direciona à morte, ou o filho que o espera incondicionalmente? Pois ambos não podiam estar vivos. Nem sequer tinham nome, a revelar-nos a falta de identidade e adoecimento.

“Adoeci ... Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (p. 42). Confessando seu fracasso em viver, metaforicamente, o filho, como o pai, vai para a terceira margem também. Para o lugar da não-vida. Nem morto nem vivo, vai para a lacuna onde tudo é silêncio.

Sorôco, sua mãe, sua filha – cantorias

Esse conto nos faz pensar sobre a loucura, habitante conhecida de todos nós.

O título, por si só, já inicia com uma revelação, que diz respeito à sonoridade do nome Sorôco. Ecoando auditivamente em oco, soco, socorro, só-louco.

Discorre sobre a solidão e a separação, e finaliza por narrar a solidariedade e a empatia. O meu olhar diz que essa é, basicamente, uma história sobre o amor.

Guimarães Rosa (1956/2019), em *Grande sertão: veredas*, nos questiona assim: “tu não acha que todo mundo é dôido? Que um só deixa de dôido ser é em horas de sentir completa coragem ou o amor? Ou em horas em que se consegue rezar?” (p. 420).

Será, então, que nossa sanidade pode estar contida nos encontros que realizamos, tanto com o outro quanto conosco? O conto parece nos sugerir que sim, na medida em que nos convida a olhar para os vínculos, matéria-prima da psicanálise.

Um narrador observador nos conta que um homem chamado Sorôco leva a mãe e a filha, ambas em estado de loucura, para a estação de trem, onde deveriam embarcar para o hospício, para longe e para sempre. Nosso protagonista se despe ao avultar sua solidão e precariedade, pois mandava para muito distante tanto sua origem quanto sua continuidade, seu passado e seu futuro, por estarem enlouquecidas.

“A mãe de Sorôco era de idade, com para mais de uns setenta. A filha, ele só tinha aquela. Sorôco era viúvo. Afora essas, não se conhecia dele o parente nenhum” (Rosa, 1962/2008b, p. 20). Nesse contexto, a orfandade de Sorôco revela-se já desde o início do conto.

Será que Sorôco, apesar de seu desespero e monstruosa solidão, conseguiria manter-se são e continuar a se acompanhar?

Em meio ao calor sufocante dos elementos mentais vividos por nosso protagonista, Guimarães Rosa continua dizendo que “a hora era de muito sol – o povo caçava jeito de ficarem debaixo da sombra das árvores de cedro. O carro lembrava um canoão no seco, navio” (p. 20).

Essa grande embarcação aterrada, que não navegava por lhe faltar água, carecia da umidade dos sonhos. A segura revelada se associa ao desconforto culposo sentido por uma pessoa que se acha rodeada de enlouquecimentos e ousa manter uma condição saudável para tudo isso ver. Como fazer trânsitos em áreas das cesuras, dos espaços em que não se é sadio, tampouco enfermo, e ao mesmo tempo se é os dois?

“Alguém deu aviso: – Eles vêm!... Apontavam, da Rua de Baixo, onde morava Sorôco” (p. 20). Vinham da rua de baixo, não da do meio ou da de cima, referenciando um elemento de minimização ou inferioridade, pela condição desvairada em que se encontravam. Vinham lá do fundo, lá do cavado, lá do oco.

Logo adiante, o autor faz uma descrição das duas que nos enche os olhos de encantamento, pois lindamente o narrador descreve a filha como movimento, e a mãe como sombra. Apesar de tão diferentes, há o encontro delas na condição de deliramento. Há ruptura e continuidade.

A filha – a moça – tinha pegado a cantar, levantando os braços, a cantiga não vigorava certa, nem no tom nem no se-dizer das palavras – o nenhum. A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates. ... A velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça, nos docementes. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam. (p. 21)

E “Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado” (p. 21). Estava entre o seu passado e o seu futuro, entre a cantante e a fúnebre. Estaria ele na amargura de uma terceira margem do rio, ou na integração das áreas de riquezas fronteiriças? Como seria possível dar os dois braços a elas, senão pelo vínculo amoroso que o mantinha presente naquela vivência?

O conto passa a nos apresentar a vinculação familiar, na qual claramente se faz presente o amor. Nesse momento, a moça começa a cantar, numa voz solitária.

Logo depois, a avó, que era silêncio e pretume, sai desse lugar e vem acompanhá-la na mesma cantoria.

A moça, aí, tornou a cantar, virada para o povo, o ao ar, a cara dela era um repouso estatelado. ... Mas a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo – um amor extremoso. E, principiando baixinho, mas depois puxando pela voz, ela pegou a cantar, também, tomando o exemplo, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. Agora, elas cantavam junto, não paravam de cantar. (p. 22)

No segredo contido da comunicação secreta entre elas, havia a sintonia de uma parceria denunciada. Um dialeto que somente as duas entendiam, pertencente a uma transgeracionalidade presente, um afeto compartilhado que trouxe sentido àquilo que antes era somente da ordem da alienação. Nessa união amorosa, se entendiam. Cantando juntas, a loucura se minimizava.

E as duas foram embora... O trem as levou para sempre, deixando nosso protagonista agora literalmente só. A genialidade de Guimarães Rosa revela-se na construção do parágrafo seguinte, formado apenas por uma palavra: “Sorôco”. É a pura solidão presente na construção textual.

Sem esperar que tudo se sumisse, sofrendo o oco sem beiras, Sorôco virou-se para ir embora também. Mas parou, e ficou tão esquisito que “parecia que ia perder o de si, parar de ser” (p. 23). Começa, então, a cantar, sozinho, a mesma cantiga de desatino que as duas tanto tinham entoado. Seu canto era continuado, dando voz à poesia contida naquela dor. Cantava o incomunicável.

De repente, o que era solitário fez-se junto. E todos, num movimento de empatia e compaixão, começaram a cantar com ele.

E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele. ... Foi o de não sair mais da memória. ... A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até onde que ia aquela cantiga. (p. 23)

Nesse momento, ele sai do lugar nenhum para o lugar comum. Para um lugar de acolhimento. Sorôco não era mais o da rua de baixo, o da casa das loucas, agora ele tinha uma casa interna, em eterna constituição.

Não seria esta uma das funções da psicanálise, a construção de um recurso que nos possa trazer forma, representação e sensação de pertencimento?

Sobre o não-símbolo: o nada aumentado em que dorme a noite

Só sei o nada aumentado.
Eu sou culpado de mim ...
No chão da minha voz tem um outono.
Sobre o meu rosto vem dormir a noite.

– Manoel de Barros, *Livro das ignorâncias*

Em meio a trens, rios, cantorias desvairadas, silêncios ou cantigas de amor, vamos sonhar os dois contos roseanos com o amparo do olhar psicanalítico.

Ambos nos fizeram mergulhar nas dores da loucura, do vazio e do desassossego.

Há nos dois a imagem de um barco que leva para longe o que é insano. O barco ribeirinho do pai e o barco-trem da família de Sorôco fazem referência a como nos defendemos da angústia que a loucura nos traz ou, inversamente, como enlouquecemos para não nos angustiarmos.

O que seria, então, essa tal loucura? Ela já se travestiu, ao longo do tempo, de inquisição, guerra, holocausto, intolerância, discriminação, arrogância, desencontro, solidão e tantas terminologias mais. Bruxas esvoaçantes em suas vassouras com mantos roxeados que geram assombro e nos fazem temerosos. Poderíamos entendê-la, também, enquanto a criação de refúgios psíquicos de aridez e esterilidade, como proteção à dor gerada por conteúdos insuportáveis de se viver?

A psicanálise clássica se dedicou ao estudo das representações simbólicas, porém a psicanálise contemporânea tem se debruçado também sobre as não representações. O irrepresentável aborda a presença de uma emoção tão bruta que não pode ser pensada nem sentida, isto é, que não pode ser inserida na trama simbólica inconsciente, tampouco elaborada.

Quando falamos sobre nossos personagens, sobre o *não-lugar* ou sobre o vazio mental, penso que estamos nos referindo, psicanaliticamente, aos conteúdos da ordem do sentir que não podem existir na mente como algo representado.

Uma experiência se reverte em trauma quando não puder ser simbolizada, isto é, quando provoca emoções de uma intensidade ou qualidade que ultrapassem a capacidade de continência do sujeito.

Determinadas emoções insuportáveis, dado seu conteúdo de dor, ficam como fatos não digeridos dentro de nossa mente, o que gera um bloqueio da experiência de satisfação, como paralelo a uma intoxicação psíquica. Essa dinâmica expõe a mente diretamente ao vazio, ao ódio e ao tédio.

Em *Transformações* (1965/2004), Bion descreve que o símbolo aponta para a não coisa. Isso é, onde está o símbolo, esteve a coisa num determinado momento e, por existir internamente, poderá voltar a estar ali. Mas quando o símbolo não pôde se configurar ou, até mesmo, foi destruído, dada a insuportabilidade da vivência, cria-se o vazio, desejoso de existência e premente para receber alguma configuração. Assim, por sua ânsia de existir, o vazio despoja o sentido de outras experiências. Avoluma-se e arrebatava o que está no entorno, destruindo outras simbolizações possíveis. Seria uma zona em que a truculência dos afetos desarranja o psiquismo. Estamos em espaços do desamparo e do arremesso ao assolamento do *self*.

Essa ausência de representação seria como um espectro presente, porém sem configuração e sem significado. Uma presença em negativo. Um “nada aumentado”, passível de destruir a capacidade de acreditar e ter fé de que algo com sentido e significância possa existir.

Estamos falando da não-vida psíquica dentro da vida, da existência do vazio, que invalida a experiência do existir. Isso traz, muitas vezes, uma anulação tanto do sofrimento e da ansiedade quanto da tranquilidade e da paz. Um brejo escuro onde nada se sente. Um tipo de lacuna, dentro da qual se desaparece, ao cair no abismo sem fundo.

Esse é, propriamente, o lugar da terceira margem. O espaço em que “vem dormir a noite”.

Assim, o que marca o desamparo não seria a perda do objeto, e sim a aniquilação de sua representação interna, ou a não constituição dela. Ter dentro acaba sendo uma maneira de nunca perder.

Em dois belos trabalhos clássicos, Freud discorre “Sobre a transitoriedade” (1916/1974) e sobre “Luto e melancolia” (1917/1974).

No primeiro deles, em seu sentir, indiferente ao desejo de eternidade, a efemeridade traria ainda mais beleza às coisas. Mesmo após os ataques e destruição da guerra em que viveu, que tanto o abalaram, se dispõe a enfrentar as perdas e a lutar com o tempo, com a morte e com a transitoriedade. Revela sua fé na vida ao dizer:

Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes. (Freud, 1916/1996, p. 348)

Já no texto de 1917, quase como uma continuidade e prosseguimento de seu pensamento, Freud fala sobre o quanto a libido, investida no objeto amado, precisa se deslocar após sua perda. Em sua concepção, a diferença entre o luto e a melancolia seria de que, na elaboração do primeiro, a pessoa retornaria à vida e, na segunda, continuaria sob a ação da pulsão de morte, a qual poderia se voltar contra o próprio sujeito que está sob a sombra do objeto perdido.

A elaboração do luto traz a possibilidade de escolha de um novo contexto, que contenha recente investimento da energia, como um recomeço em que se possa sobrepujar a dor.

Nos contos tomados como ponto de partida para esse estudo, tanto o filho quanto o pai que estavam na terceira margem provavelmente não puderam simbolizar e elaborar coisas que a vida lhes trouxe ou deles levou, e por isso permaneceram nesse lugar da não existência. Já Sorôco parece ter podido lidar, por maior que lhe fosse a dor, com as circunstâncias que lhe couberam.

Bion, em *O aprender com a experiência* (1962/1966), afirmava que uma vivência emocional não pode acontecer de forma desvinculada de uma relação, e a possibilidade de criação simbólica só se dá no calor de um vínculo. Esse foi o recurso usado por Sorôco. Ele se amparou em seu amor por sua filha e sua mãe, e também foi amparado pelas pessoas em torno de si.

Abriamos, dentro de nós, um pouco do pai da terceira margem e um pouco de Sorôco.

Os protagonistas dos dois contos tiveram que se deparar com a perda e com a partida de alguém. Que seja para o meio do rio, para o hospício, para o nunca mais voltar.

Quando é possível a realização do luto, isto é, a tolerância da experiência da ausência, também é possível “morrer” para o que éramos e “renascer” para novos significados, pois o que não pode partir também não pode ficar.

Dessa maneira, o luto seria uma condição ao nascimento da capacidade de pensar, que se contrapõe ao não símbolo.

Em meio aos escombros, o psicanalista Freud mantém dentro de si a esperança, o que me parece ocorrer também com Sorôco. Já o filho da terceira margem, ao perceber a quebra da figura patriarcal, precisava ganhar um pai simbólico referencial que ficasse no lugar do real. Não fazendo isso, acabou por sucumbir à fundura do rio, em seu núcleo melancólico.

Nossa criação não pode acontecer independentemente das finitudes que vivemos ao longo de nossa história, tanto fora quanto dentro de nós. É após o inverno que a primavera renova de flores nossos jardins, dizia Freud. Assim acredita a psicanálise: quando criamos algo, também enganamos a morte. Criar é ter subjetividade, ter riqueza simbólica, ter vida interna.

Talvez a cura possível de nossa alma seja suportarmos o não saber, a transitoriedade, as dores e as ausências. Fazer, de nossos ocos, espaços de cantigas e de mais sentir, a construir representações simbólicas e sonhantes do nosso viver.

E que assim possamos entrar e, mais ainda, sair de nossas terceiras margens, emergindo dos rios fundos de ausências em busca dos acalantos contidos nas cantigas de afetos.

Ríos y cancioncillas: recorridos entre la profundidad de las ausencias y los arrullos de los encuentros

Resumen: La autora defiende que el psicoanálisis y la literatura, siendo compañeros de largo tiempo, se constituyen como narrativas de vivencias y emociones, las que, al convertirse en palabras, nos contarán historias al respecto de los sueños posibles. De esta manera, crean un poco de poesía en la prosa de la vida cotidiana. El presente texto teje una junción entre dos cuentos geniales de Guimarães Rosa para realizar un recorrido entrelazado que se ubica recíprocamente por lo primitivo y por lo desarrollado, lo vitalizado y lo mortífero, lo sombrío y lo luminoso, lo alejado y la compañía, todo ello siendo espacios que siempre están presentes para ser habitados y constituyen nuestro mundo interno. La autora subraya la cuestión de la simbolización y de la precariedad frente al no-lugar mental. Por otra parte, también relata la posibilidad que existe de que nuestra alma navegante construya

representações que podem ser propícias para as travessias, sobrepujando as perdas e as faltas para lograr o encontro com as áreas de esperanças.

Palavras chave: locura, soledad, a não representação, simbolização, afecto

**Rivers and lullabies: the crossing from the deepness
of absence to the comfort of encounters**

Abstract: The author believes that psychoanalysis and literature, being long-term partners, consist of narratives of experiences and emotions, which, as they become words, tell us stories about possible dreams. Thus, a touch of poetry is added to the prose of daily life. This paper weaves a connection between two exquisite short stories by Guimarães Rosa in order to take the intermingled path which is mutually situated by the primitive and the advanced, the invigorated and the deadly, the dark and the light, the alienation and the companionship, as ever-present spaces to inhabit and make up our inner world. The paper highlights the matter of symbolization and its scarceness of configuration when faced with the mental non-place. On the other hand, it also discusses how it is possible for our sailing soul to build representations that enable the crossing towards spaces of hope, overcoming loss and privation.

Keywords: insanity, loneliness, non-representation, symbolization, affection

Referências

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência* (J. Salomão & P. D. Corrêa, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Freud, S. (1974). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 15. Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II) (1915-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 343-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 269-291). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Rosa, J. G. (2008a). A terceira margem do rio. In *Primeiras histórias* (pp. 36-42). Média Fashion. (Trabalho original publicado em 1962)
- Rosa, J. G. (2008b). Sorôco, sua mãe, sua filha. In *Primeiras histórias* (pp. 19-23). Média Fashion. (Trabalho original publicado em 1962)
- Rosa, J. G. (2019). *Grande sertão: veredas* (22a ed.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1956)

Ana Regina Morandini Caldeira

Endereço: Rua José Salomoni, 286. Franca/SP.

CEP: 14401-298

Tel.: (16) 3722-5215

E-mail: anacaldeirapsi@gmail.com